

**ENTREVISTA: UM ESTUDO DO GÊNERO
A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE FACE E DA POLIDEZ**

Sílvia Bragatto Guimarães (UFES)
silviabragatto@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Trabalhamos, neste estudo, com o contexto de interação verbal em uma entrevista ao senador Jarbas Vasconcelos (PMDB) à revista *Veja* em fevereiro de 2009. Analisamos, nessa entrevista, como as faces (face positiva e face negativa) envolvidas na conversação, do entrevistado e do entrevistador, são construídas, mantidas e ameaçadas pelos próprios interactantes, através do uso ou não uso de estratégias de polidez.

Como referência, para entendermos o contexto da entrevista, numa tentativa de definição desse gênero textual, nos baseamos nos estudos de Medina (2004) e Marcuschi (2006, 2007). Esta pesquisa faz, também, um percurso por noções da Pragmática, como a teoria da face (GOFFMAN, 1975) e da polidez (BROWN e LEVINSON, 1987) para uma análise mais consistente da interação face a face.

1. Fundamentação teórica

1.1. O gênero entrevista

É fato que todo gênero “tem alguns traços distintivos, prontamente identificáveis, que o opõem marcadamente a outros gêneros” (TRASK, 2004, p. 87). Porém não tentaremos, aqui, dar uma definição que consiga abranger todo o gênero entrevista, pois essas definições quase sempre são insuficientes em se tratando de gêneros. Para Marcuschi (2006), as teorias do gênero que privilegiam forma ou estrutura estão em crise, pois o gênero é essencialmente flexível e variável, assim como a linguagem. Tentar delimitar o gênero quanto sua forma e de maneira estática não condiz, portanto, com estudos mais recentes sobre gêneros textuais. O citado autor diz que “não devemos conceber os gêneros como modelos estanques nem como es-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

truturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social, como entidades dinâmicas” (MARCUSCHI, 2006, p. 24).

Marcuschi (2007) nos alerta para o fato de que a “a conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora (...) é o gênero básico da interação humana” (2007, p. 14). O autor lista cinco características constitutivas de uma organização elementar da conversação, que são: a interação entre pelo menos dois falantes, a ocorrência de pelo menos uma troca de falantes, a presença de uma sequência de ações coordenadas, a execução numa identidade temporal e, por fim, o envolvimento numa “interação centrada”.

A partir de tais aspectos, pode-se considerar que as entrevistas são um fenômeno conversacional, já que atendem aos quesitos de uma conversação. Porém, há conversas que são espontâneas, como um bate-papo, e outras que tem uma elaboração prévia, que é o caso da entrevista.

As conversas espontâneas são marcadas por uma simetria quanto ao turno conversacional, ou seja, quanto à vez que cada interlocutor tem para falar, quanto à determinação do assunto conversacional. Já nas conversas não espontâneas ocorre uma assimetria, pois cada participante da interação conversacional ocupa uma posição diferente, tendo uma maior autonomia para ditar o assunto da conversa, outro para levá-la para uma direção desejada por ele, ou seja, as posições dos participantes desse tipo de interação são desiguais.

O gênero textual entrevista é visto como um gênero que abrange diversos subgêneros como, por exemplo, a entrevista jornalística, a entrevista médica, a entrevista de emprego e outras. A semelhança entre esses diversos subgêneros está na estrutura caracterizada por perguntas e respostas, envolvendo pelo menos dois indivíduos; o papel desempenhado pelo entrevistador, que se caracteriza por abrir e fechar a entrevista, fazer perguntas, introduzir novos assuntos, orientar a interação; o papel do entrevistado é o de responder as perguntas, fornecendo as informações pedidas. Outra semelhança é que o gênero é primordialmente oral, podendo ser transcrito para ser publicado em jornais e revistas e outros veículos de comunicação.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Nas entrevistas, entrevistado e entrevistador ocupam posições bem distintas. Ao entrevistador, como dito anteriormente, cabe a função de determinar o assunto da conversa, que por vezes são temas constrangedores, ameaçadores das faces envolvidas, isso irá depender do tom que der à entrevista. Quanto ao entrevistado, tal participante é o foco da entrevista, pois uma vez que toda entrevista é destinada a um público, é no entrevistado que o público tem o maior interesse, já que é por ele ou algum feito dele que a interação está ocorrendo. Apesar de o entrevistado não determinar a pauta da conversa, ele tem autonomia maior que a do entrevistador de desenvolver o assunto da maneira que desejar, podendo até desviar do tema. Apesar, de as entrevistas não serem conversações espontâneas, concordamos com Medina (2004) ao defender que nas entrevistas o diálogo é possível, apesar de serem pré-pautadas, visto que toda interação, inclusive as entrevistas, contam com uma imprevisibilidade, cabendo ao entrevistador a habilidade de lidar com dados que fujam de uma expectativa inicial.

Vale frisar que as entrevistas são conversações e, como toda espécie de interação, ameaçam as faces envolvidas. Então, o que acontecerá “com a imagem de um interlocutor dependerá da cooperação ou não entre os participantes no fluxo de eventos de uma determinada situação” (TAVARES, 2007, p. 29).

Medina (2004), a partir de uma classificação dos tipos de entrevistas feita por Edgar Morin, faz sua própria classificação de como se enquadrariam os diversos tipos de entrevistas existentes, dividindo-as em entrevistas com tendência à espetacularização e com tendência à compreensão:

1.1.1. Subgêneros da espetacularização

a) perfil do pitoresco: neste subgênero, é destacado o perfil humano de maneira caricaturada, privilegiando-se o sensacionalismo; b) perfil do inusitado: aqui, a pessoa entrevistada é destacada por traços característicos, o que a faz passar por figura excêntrica, exótica; c) perfil da condenação: neste perfil, parte-se do dualismo “mocinho/bandido”, segundo Medina. É muito recorrente no setor policial do jornalismo: a pessoa é condenada por seus atos, mesmo

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

que essa condenação seja forçada, mesmo que o julgamento à pessoa em foco seja apriorístico, d) perfil da ironia “intelectualizada”: nesta espécie de entrevista, acontece uma ironização de ideias e feitos da pessoa em foco, que pode ser percebida na seleção de frases, em possíveis contradições isoladas do contexto. Tudo isso faz com que a imagem da pessoa entrevistada seja distorcida, passando uma ideia negativa da figura.

1.1.2. Subgêneros da compreensão

a) entrevista conceitual: o entrevistador, neste subgênero, detém seu foco de atenção em questões e conceitos que ele acredita que seu entrevistado possui conhecimento. Ocorre a preferência por conceitos e não por comportamentos, daí o interesse em entrevistar figuras como filósofos, sociólogos e cientistas; b) entrevista/enquete: neste tipo, “o tema é o fundamental da pauta e procura-se mais de uma fonte para depor em relação ao tema” (MEDINA, 2004, p. 17). Vale dizer que a seleção das fontes ouvidas conta com o critério de aleatoriedade; c) entrevista investigativa: este tipo de entrevista vai tentar ter acesso a informações ainda desconhecidas pelo jornalista, daí denominarem-se investigativas. Haverá, neste caso, uma preferência por assuntos de repercussão pública; d) confrontação – polemização: neste tipo, o entrevistador tem a função de instigar um debate, detectando “ambiguidades e contradições que se estabelecem sobre o fato” (MEDINA, p. 17, 2004). Toca em assuntos delicados, tirando dúvidas que, eventualmente, possam existir; e) perfil humanizado: entrevista que penetra no outro, na tentativa de compreender seus valores, sua história de vida, não privilegiando aspectos condenáveis ou louváveis, e sim aspectos verdadeiros.

A classificação acima, como vimos, contempla diversos tipos de entrevista, desde as que tendem ao sensacionalismo e ao espetáculo até as que partem de uma vontade de compreender atitudes, conceitos e comportamentos.

Neste estudo, trabalhamos com entrevistas da revista *Veja* a políticos atuantes no cenário nacional, e por esse motivo, tendem ao perfil de confrontação – polemização, já que percebemos uma forte

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

tendência da revista em temas polêmicos que envolvem as figuras entrevistadas.

1.2. Estudos sobre a face e a polidez

1.2.1. Noção de face: Goffman (1967)

Goffman, interessado no comportamento dos indivíduos quando em contato físico imediato uns dos outros, publica a obra *A representação do eu na vida cotidiana* (1975)³, na qual vai discutir questões como representação, fachada social e outros detalhes concretos de interações entre indivíduos na vida cotidiana. Erving Goffman parte de uma perspectiva teatral, construindo a metáfora de que os indivíduos, socialmente, são atores que tem suas respectivas plateias. A respeito desse assunto, o autor diz que

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser (GOFFMAN, 1975, p. 25).

Posteriormente, em 1967, Goffman publica *Interaction Ritual*, um estudo sobre a universal noção de face. Segundo o autor,

O termo face pode ser definido como um valor social positivo que uma pessoa reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha tomada por ela durante um contato específico. Face é a imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados... (GOFFMAN, 1967, p. 5).⁴

O conceito de face exige o entendimento de outra noção muito utilizada nos estudos de Goffman (1967), que é o conceito de linha. Podemos entender o termo linha como um padrão de atos verbais e não verbais de um indivíduo que expressam a sua visão da situação, a sua avaliação dos participantes, inclusive a sua avaliação de

³ A data da publicação utilizada aqui é a de 1975, tradução de Maria Célia Raposo. A obra original em inglês é de 1959 e leva o título *The presentation of self in everyday life*.

⁴Texto original: "The term face may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. Face is an image of self delineated in terms of approved social" (GOFFMAN, 1967, p. 5).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

si mesmo durante o momento da interação, num encontro social. Em relação à face, Goffman (1967) vai dizer que ela

Não é algo que se aloja dentro ou na superfície do corpo de uma pessoa, mas sim algo que se localiza difusamente no fluxo de eventos que se desenrolam no encontro, e se torna manifesto apenas quando estes eventos são lidos e interpretados em função das avaliações que neles se expressam (GOFFMAN, 1967, p. 7).⁵

Em outras palavras, mesmo que a face seja o que um indivíduo possua de mais pessoal, ela é apenas um empréstimo que lhe foi feito pela sociedade, ela é um produto social. Dessa forma, a face carrega esse duplo sentido ao ser um produto do desempenho dos indivíduos e de esse desempenho ser restringido por normas sociais, sendo apenas validada pelo outro, pela sociedade. Embora o self (eu) seja manipulador de estratégias, embora exista um gerenciamento do eu, o self é também socialmente determinado.

Para Goffman (1967), as pessoas utilizam dois tipos de procedimentos na elaboração da face (face-work) quando tem o objetivo de atenuar ações ameaçadoras: há o trabalho de evitar e o de corrigir ações ameaçadoras, já que, segundo o autor, a manutenção da face é uma condição da interação.

1.2.2. Teoria da Polidez: Brown e Levinson (1987)

Brown e Levinson (1987), em *Politeness: some universals in language usage*, elaboram a teoria sobre construção da imagem social, a partir de estudos anteriores realizados por Goffman, sobre a noção de face e também, como dito anteriormente, a partir de estudos pragmáticos de Grice, Austin e Searle.

Porém, apesar de utilizarem as noções de face e território de Goffman, Brown e Levinson (1987) rebatizam esses conceitos por face positiva e face negativa, respectivamente. Definem os conceitos da seguinte forma:

⁵ Texto original: "Is something that is not lodged in or on his body, but rather something that is diffusely located in the flow of events in the encounter and becomes manifest only when these events are read and interpreted for the appraisals expressed in them" (GOFFMAN, 1967, p. 7).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

a) Face positiva é tudo aquilo que o interlocutor exibe para obter aprovação ou reconhecimento, correspondendo ao desejo que as pessoas têm de ser aceitas;

b) Face negativa é o “território” que o interlocutor deseja preservar ou ver preservado.

Como já foi dito, os autores aliam à noção face, as estratégias de polidez, recurso utilizado com o intuito de preservar sua face e a do(s) parceiro(s) na interação verbal.

Brown e Levinson, assim como Goffman, também concebem a interação verbal como uma atividade inerentemente ameaçadora da face. Para esses autores, o simples fato de os indivíduos entrarem em contato provoca um desequilíbrio das faces. Por esta razão, os autores afirmam que, em geral, ao se engajarem em uma conversação, os indivíduos estão conscientes da vulnerabilidade da face e assim cooperam mutuamente para sua manutenção.

No estudo sobre polidez, os autores acreditam que as análises dos atos de fala são de suma importância. Atos de fala que envolvem perguntas, imposições, convites, julgamentos, pedidos de desculpa ameaçam ora a face positiva ora a negativa dos envolvidos na interação face a face. Postulam, dessa forma, a existência dos Atos Ameaçadores de Face (FTA's). A seguir exemplificamos alguns atos ameaçadores das faces positiva e negativa de locutor e ouvinte na interação verbal:

Atos ameaçadores da face negativa do ouvinte

Ex: ameaça, conselho, ordem, pedido

Atos ameaçadores da face positiva do ouvinte

Ex: reprimenda, crítica, insulto

Atos ameaçadores da face negativa do locutor

Ex: proposta, promessa

Atos ameaçadores da face positiva do locutor

Ex: autocrítica, desculpa, confissão

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Na proposta de Brown e Levinson, pode-se entender a polidez como um efeito de sentido produzido por certas estruturas linguísticas, em contextos específicos, usadas para amenizar os efeitos de um FTA (ato ameaçador de face), preservando as faces ameaçadas. Para os autores, os fatores que influenciarão um FTA, determinando a escolha de estratégias de polidez, são: distância social do falante e do ouvinte, relação de poder entre os interactantes e as normas de conduta impostas por determinada cultura. O termo estratégia é utilizado pelos autores, pois para eles nenhum outro termo implicará um elemento racional que engloba tanto uma atitude consciente quanto inconsciente. Em outras palavras, os sujeitos tem consciência de ameaça iminente na interação com outros indivíduos, sabem da necessidade de serem polidos em determinadas situações sociais para mitigar os efeitos de um FTA, mas nem sempre agem conscientemente na escolha das estratégias de polidez. Por isso o termo estratégia implicar um termo racional, mas não necessariamente consciente.

1.2.2.1. ON RECORD

Estratégias realizadas de forma *on record* revelam que o falante tem a intenção de assumir seu ato linguístico, de se comprometer diante do que fala. Ocorre por meio da polidez positiva e da polidez negativa:

Polidez Positiva: A polidez positiva é um tipo de estratégia que procura manter a face positiva do ouvinte, já que através dela o desejo que se tem de ser admirado pelos outros é alimentado. Ao usar de estratégias de polidez positiva, o falante indica que pertence ao mesmo grupo social do ouvinte, demonstra também alguma admiração pelo seu interlocutor e, ainda, que está disposto a beneficiar o ouvinte com sua cooperação na atividade interacional. Ao utilizar as estratégias de polidez positiva, o falante assume estratégias de envolvimento para diminuir a distância social.

Polidez Negativa: esse tipo de estratégia é endereçado à face negativa do ouvinte, atua no sentido de tentar evitar a imposição ao interlocutor. Corresponde ao que se espera de um comportamento respeitoso, e baseia-se em tópicos que o falante deve evitar, como a invasão do território pessoal de seu(s) ouvinte(s).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

1.2.2.2. OFF RECORD

Estratégias utilizadas pelo locutor para não se comprometer diante do que fala, deixando saídas para outras interpretações, transferindo ao ouvinte a responsabilidade de interpretar seu comportamento, seus enunciados. Por meio dessas estratégias, o locutor pode produzir atos ameaçadores às faces do ouvinte, mas de forma indireta, evitando comprometer-se.

Ao utilizar de polidez indireta, o falante transfere ao ouvinte a responsabilidade de fazer inferências a respeito do que disse. Ao usar de indiretividade, o falante fere as máximas propostas por Grice (qualidade, quantidade, modo e relevância), e o ouvinte deve notar e interpretar as implicaturas conversacionais que surgem com a quebra das máximas conversacionais, através de inferências.

2. Análise de entrevista

Entrevistado: Jarbas Vasconcelos / Entrevistador: Otávio Cabral (*Veja*) / Data: fevereiro de 2009

Essa entrevista jornalística ao senador Jarbas Vasconcelos (PMDB), por Otávio Cabral da revista *Veja* em fevereiro de 2009, aborda como assunto a corrupção dentro do partido do senador e outros problemas que a atual política tem enfrentado.

2.1. Estratégias de polidez positiva

A polidez positiva é, na teoria de Brown e Levinson (1987), destinada à face positiva do ouvinte, que corresponde à vontade do interlocutor de ser aceito e admirado. Equivale, ainda, às estratégias de envolvimento que o falante adota para diminuir a distância social com seu ouvinte. Fazemos, porém, uma adaptação da teoria desenvolvida por Brown e Levinson (1987) neste estudo, pois enquanto os autores determinam que a polidez positiva é destinada à face positiva do ouvinte (2ª pessoa do discurso - tu) apenas, também destinaremos nosso olhar à face positiva do falante (1ª pessoa do discurso - eu) e de uma terceira pessoa do discurso (ele) se existir, já que partimos do ponto de vista da interação para desenvolvermos este estudo. Algo

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

importante de comentar é que as entidades falante e ouvinte não são fixas, já que consideramos falante aquele que detém o turno conversacional, e quando o falante perde o poder do turno conversacional, transferindo a outro, passa a ser o ouvinte na interação. Vejamos como ocorre a polidez positiva nas entrevistas:

2.1.1. Fragmento 1

Otávio Cabral (*Veja*): Mas ele foi eleito pela maioria dos senadores.

Jarbas Vasconcelos: *Claro*, e isso reflete o que pensa a maioria dos colegas de Parlamento. Para mim, não tem nenhum valor se Sarney vai melhorar a gráfica, se vai melhorar os gabinetes, se vai dar aumento aos funcionários. O que importa é que ele não vai mudar a estrutura política nem contribuir para reconstruir uma imagem positiva da Casa. Sarney vai transformar o Senado em um grande Maranhão.

Neste fragmento da entrevista, Jarbas Vasconcelos, ao dizer “claro”, se utiliza da polidez positiva concordando com seu interlocutor, demonstrando, assim, uma preocupação com face positiva do entrevistador de *Veja*, mesmo quando a fala de seu interlocutor é uma espécie de discordância à sua fala anterior: “mas ele foi eleito...”.

2.1.2. Fragmento 2

Otávio Cabral (*Veja*): Como o senhor avalia a sua atuação no senado?

Jarbas Vasconcelos: Às vezes eu me pergunto o que vim fazer aqui. Cheguei em 2007 pensando em dar uma contribuição modesta, mas positiva – e imediatamente me frustrei. Logo no início do mandato, já estourou o escândalo do Renan (...). *Eu me coloquei na linha de frente pelo meu afastamento porque não concordava com a maneira como ele utilizava o cargo de presidente para se defender das acusações. Desde então, não posso fazer nada, porque sou um dissidente do meu partido.* O nível dos debates aqui é inversamente proporcional à preocupação com benesses. É frustrante.

No trecho em itálico acima, Jarbas se coloca na posição de “vítima”, fazendo um trabalho de construção de sua face positiva, justificada pela necessidade de ser aceito que, para ele, corresponde a não ser visto como um dos muitos integrantes de seu partido que se corrompem facilmente.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

2.2. Estratégias de Polidez Negativa

Assim como a polidez positiva é destinada à face positiva do ouvinte, a polidez negativa, na teoria de Brown e Levinson (1987) é destinada à face negativa do ouvinte. Corresponde a um tratamento respeitoso e ao desejo de não sofrer a imposição e não ter o “território” pessoal invadido. Adaptamos, aqui, a teoria utilizada, já que defendemos a ideia de que a polidez negativa pode ser destinada à própria face, à face do ouvinte e à de outros não envolvidos diretamente na conversação.

2.2.1. Fragmento 3

Otávio Cabral (*Veja*): *Como o senhor avalia a sua atuação no senado?*

Jarbas Vasconcelos: Às vezes eu me pergunto o que vim fazer aqui. Cheguei em 2007 pensando em dar uma contribuição modesta, mas positiva – e imediatamente me frustrei. Logo no início do mandato, já estourei o escândalo do Renan (...). Eu me coloquei na linha de frente pelo seu afastamento porque não concordava com a maneira como ele utilizava o cargo de presidente para se defender das acusações. Desde então, não posso fazer nada, porque sou um dissidente do meu partido. O nível dos debates aqui é inversamente proporcional à preocupação com benesses. É frustrante.

No fragmento acima, Otávio Cabral (*Veja*) utiliza uma forma de tratamento respeitosa, “senhor”, demonstrando respeito à face negativa do entrevistado. Embora a pergunta do entrevistador pudesse ser avaliada como uma provocação (ameaça à face negativa), o entrevistado minimiza essa provável provocação, dando explicações, tentando não criar uma situação constrangedora. O entrevistador poderia ter confrontado o entrevistado, afirmando sua ineficiência no Senado, mas optou por fazer uma pergunta de modo que o próprio entrevistado pudesse fornecer suas justificativas.

2.2.2. Fragmento 4

Otávio Cabral (*Veja*): *Para que o PMDB quer cargos?*

Jarbas Vasconcelos: Para fazer negócios, ganhar comissões. Alguns ainda buscam o prestígio político. Mas a maioria dos peemedebistas se especializou nessas coisas pelas quais os governos são denunciados: manipulação de licitações, contratações dirigidas, corrupção em geral. A

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

corrupção está impregnada em todos os partidos. Boa parte do PMDB quer mesmo é corrupção.

Tanto o entrevistado quanto o entrevistado utilizam de polidez negativa ao usar de impessoalização, quando ambos evitam, nesse momento interacional, citar nomes específicos de pessoas corruptas. Ao contrário, optam pela estratégia de generalização, usando o nome do partido ao invés de nomes de determinados políticos.

2.3. Estratégias de polidez indireta

Diferentemente da polidez positiva e da polidez negativa, as estratégias de polidez indireta são utilizadas pelo locutor para que ele não se comprometa diante do que fala, deixando saídas para outras interpretações, transferindo ao ouvinte a responsabilidade de interpretar seu comportamento, seus enunciados. Por meio dessas estratégias, o locutor pode produzir atos ameaçadores às faces do ouvinte, mas de forma indireta, evitando comprometer-se. Em outras palavras, esse tipo de escolha é mais ameaçador para a face do outro que a polidez positiva e da polidez negativa, mas é uma saída para quando se precisa ou se quer dizer o que é ameaçador sem ser direto, esquivando-se de um comprometimento do que é enunciado.

2.3.1. Fragmento 5

Otávio Cabral (*Veja*): O que representa para a política brasileira a eleição de José Sarney para a presidência do Senado?

Jarbas Vasconcelos: É um completo retrocesso. A eleição de Sarney foi um processo tortuoso e constrangedor. Havia um candidato, *Tião Viana*, que embora petista, estava comprometido em recuperar a imagem do Senado. De repente, Sarney apareceu como candidato, sem nenhum compromisso ético, sem nenhuma preocupação com o Senado, e se elegeu. A moralização e a renovação são incompatíveis com a figura do Senador.

Ao dizer que Tião Viana seria um bom senador “embora petista”, Jarbas usa de ironia, fazendo uma insinuação a respeito do que pensa do Partido Trabalhista, deixando saídas para outras interpretações. Ao ser irônico, Jarbas, segundo Brown e Levinson (1987) fere a máxima da qualidade de Grice (1982). Quando Jarbas fere uma

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

máxima, gera uma implicatura, que deve ser interpretada pelo ouvinte e pelos leitores de *Veja* da seguinte forma: petistas, em geral, não são bons políticos e bons senadores. Utiliza, portanto, de polidez indireta, para não se comprometer de forma muito explícita com o que fala. Vejamos como a indiretividade aparece no fragmento a seguir:

2.3.2. Fragmento 6

Otávio Cabral (*Veja*): Como o senhor avalia a sua atuação no senado?

Jarbas Vasconcelos: *Às vezes eu me pergunto o que vim fazer aqui.* Cheguei em 2007 pensando em dar uma contribuição modesta, mas positiva – e imediatamente me frustrei. Logo no início do mandato, já estourei o escândalo do Renan (...). Eu me coloquei na linha de frente pelo seu afastamento porque não concordava com a maneira como ele utilizava o cargo de presidente para se defender das acusações. Desde então, não posso fazer nada, porque sou um dissidente do meu partido. O nível dos debates aqui é inversamente proporcional à preocupação com benesses. É frustrante.

Na resposta à pergunta de Otávio Cabral, o senador adota uma estratégia de polidez indireta, com uma questão retórica: “às vezes eu me pergunto o que vim fazer aqui”, se esquivando de um comprometimento diante da pergunta de *Veja*. Ao invés de aceitar a provocação da pergunta feita a ele, Jarbas esquivava-se da resposta, sendo indireto, talvez como forma de proteger suas faces.

2.4. Ameaça às faces

Até o momento vimos como os falantes evitam os atos ameaçadores de face (FTAs) através do uso de polidez positiva, negativa e indireta. Porém, muitas vezes, a harmonia interacional é impossível de ser mantida, e os interactantes ameaçam suas faces, as de seu interlocutor e de outras pessoas que surgem como tópico conversacional da entrevista.

2.4.1. Fragmento 7

Otávio Cabral (*Veja*): O que representa para a política brasileira a eleição de José Sarney para a presidência do Senado?

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Jarbas Vasconcelos: *É um completo retrocesso. A eleição de Sarney foi um processo tortuoso e constrangedor.* Havia um candidato, Tião Viانا, que embora petista, estava comprometido em recuperar a imagem do Senado. De repente, Sarney apareceu como candidato, sem nenhum compromisso ético, sem nenhuma preocupação com o Senado, e se eleveu. A moralização e a renovação são incompatíveis com a figura do Senador.

Jarbas Vasconcelos, nessa resposta, ameaça a face positiva do senador José Sarney, ao dizer, com um léxico de carga bastante pejorativa, que a “moralização e a renovação são incompatíveis com a figura do senador”. Com essa mesma fala, o entrevistado deixa vulnerável sua própria face positiva, por demonstrar uma despreocupação com a face de outras pessoas, e por não utilizar de estratégias de polidez para atenuar os efeitos desse FTA.

2.4.2. Fragmento 8

Otávio Cabral (*Veja*): *Mas* ele foi eleito pela maioria dos senadores.

Jarbas Vasconcelos: Claro, e isso reflete o que pensa a maioria dos colegas de Parlamento. Para mim, não tem nenhum valor se Sarney vai melhorar a gráfica, se vai melhorar os gabinetes, se vai dar aumento aos funcionários. O que importa é que ele não vai mudar a estrutura política nem contribuir para reconstruir uma imagem positiva da Casa. Sarney vai transformar o Senado em um grande Maranhão.

No trecho acima, o entrevistador de *Veja* já começa ameaçando a face positiva do senador ao discordar do que o entrevistado disse na pergunta anterior. Essa discordância pode ter a função de polemizar a fala de Jarbas, esperando uma resposta ainda mais polêmica, já que uma entrevista de tom polêmico, que há confronto, pode atrair mais leitores/consumidores da revista.

2.4.3. Fragmento 9

Otávio Cabral (*Veja*): O senador Renan Calheiros acaba de assumir a liderança do PMDB...

Jarbas Vasconcelos: *Ele não tem nenhuma condição moral ou política para ser senador*, quanto mais para liderar qualquer partido. Renan é o maior beneficiário desse quadro político de mediocridade em que os escândalos não incomodam mais e acabam se incorporando à paisagem.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Jarbas Vasconcelos, nessa resposta, ameaça a face positiva do senador Renan Calheiros, ao dizer que ele “não tem nenhuma condição moral ou política para ser senador, quanto mais para liderar qualquer partido”. Com isso, o entrevistado deixa exposta sua face positiva, por demonstrar uma despreocupação com a face de Calheiros, e por não utilizar de estratégias de polidez para mitigar os efeitos desse FTA.

2.4.4. Fragmento 10

Otávio Cabral (*Veja*): *O senhor parece estar completamente desiludido com a política.*

Jarbas Vasconcelos: *Não tenho mais nenhuma vontade de disputar cargos. Acredito muito em Serra e me empenharei em sua candidatura à Presidência. Se ele ganhar, vou me dedicar a reformas essenciais, principalmente a política, que é a mãe de todas as reformas. Mas não tenho mais projeto político pessoal. Já fui prefeito duas vezes, já fui governador duas vezes, não quero mais. Sei que vou ser muito pressionado a disputar o governo em 2010, mas não vou ceder. Seria uma incoerência voltar ao governo e me submeter a tudo isso que critico.*

Na pergunta, Otávio Cabral ameaça a face positiva de seu interlocutor com sua crítica ao senador, e Jarbas reforça essa ameaça à sua face positiva, confessando que realmente está desiludido com a política, sem esperanças de participar de mudanças significativas no quadro.

3. Considerações finais

Por meio destes fragmentos, pudemos perceber que existe, em toda interação, um equilíbrio entre salvar a própria face e a face do outro. Salvar a face de nosso interlocutor é uma vontade e uma necessidade desde que a nossa face não seja tão ameaçada. Nas entrevistas, o espaço é, por natureza, de confrontação/polemização (MEDINA, 2004), e o papel do entrevistador, é muitas vezes de causar a polêmica, comentando assuntos complicados para o entrevistado, fazendo aparecer falhas e ambiguidades em sua fala, por uma exigência e perfil da revista *Veja*. O entrevistado, que nesse caso, adota postura bastante radical, provavelmente o faz por julgar que o fato de se calar diante de tanta corrupção dentro de seu partido é ser con-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

vente com a situação. Mesmo que o conteúdo de suas falas seja ameaçador, tenta usar de polidez para não ver as faces envolvidas na interação tão ameaçadas.

REFERÊNCIAS

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *Interaction ritual. Essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Books, 1967.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2007.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista. O diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2004.

TAVARES, Roseanne Rocha. *A negociação da imagem na pragmática: por uma visão sociointeracionista da linguagem*. Maceió: EDUFAL, 2007.